

XIII CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA

29 de maio a 1º de junho de 2007

UFPE – Recife, PE

DESIGUALDADES DE ACESSO À INTERNET NO BRASIL
GRUPO DE TRABALHO: ESTRATIFICAÇÃO E DESIGUALDADES SOCIAIS

GILDA OLINTO

Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia

Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação

Convênio IBICT-UFF

gilda@ibict.br

1 INTRODUÇÃO

Aborda-se, neste trabalho, o tema das desigualdades sociais no acesso e uso da Internet, apresentando evidências empíricas sobre o Brasil com ênfase no exame da relação entre educação e as diversas dimensões de acesso e uso desta rede de comunicação. Os dados apresentados são extraídos do IBGE/PNAD-2005, cujo suplemento dedicado à Internet tornou-se público no final do mês de março deste ano, através de um conjunto de tabelas e de um extenso relatório técnico. Nesta mesma ocasião o IBGE disponibilizou os microdados sobre o uso da Internet aos pesquisadores. As evidências aqui apresentadas são baseadas tanto nas análises feitas pelo IBGE quanto em análises elaboradas a partir dos microdados.

A concentração de esforços na mensuração de diversos aspectos de uso da Internet inserido numa pesquisa do porte da PNAD revela a importância dada atualmente à universalização do seu uso no país. Apesar da existência de levantamentos anteriores sobre o tema, a possibilidade de analisar esse uso no contexto da PNAD constitui-se numa oportunidade ímpar (CGI, 2006; IBGE/PNAD, 2005). Ou seja, trata-se de uma chance especial de observar, através de uma grande amostra representativa da população brasileira, envolvendo informações sobre mais de 140 mil domicílios, como o uso da Internet se relaciona com outras características socioeconômicas do seu usuário.

Convém mencionar também, nesta introdução, que este trabalho se insere em projeto individual de pesquisa voltado para o tema dos condicionantes sociais do uso da Internet, sendo também resultado de envolvimento em grupo de pesquisa voltado para o estudo das relações entre tecnologias de informação e sociedade¹.

2 A DIVERSIFICAÇÃO DO ESTUDO DAS RELAÇÕES ENTRE AS DIMENSÕES SOCIAIS E AS DIMENSÕES DE ACESSO E USO DA INTERNET

Embora seja difícil contestar a existência de aspectos negativos que possam, a longo prazo, estar associados à generalização da comunicação virtual, diversas evidências apontam para a importância do uso da Internet como componente fundamental da participação na sociedade do conhecimento. Através deste recurso tecnológico ampliam-se a possibilidade de acesso à informação, à educação e a órgãos de governo, assim como as oportunidades de envolvimento em comunidades, em negócios e acesso a diversos outros recursos que podem contribuir para garantir melhores oportunidades aos indivíduos (CASTELLS, 2003; DiMAGGIO, 2003). O uso da Internet também pode ser

tomado como evidência empírica de participação na globalização, pois esta foi definida como “conectividade complexa” (VAN DER BLY, 2005).

Dada a indiscutível relevância da Internet na sociedade atual, impõe-se como tema de pesquisa o estudo das diversas formas de acesso e uso da rede para a promoção do seu acesso generalizado e do seu uso efetivo. Impõe-se também como tema de estudo a análise dos fatores sociais que condicionam o uso da Internet, especialmente no caso dos países em desenvolvimento (ECLAT, 2003).

O interesse nos condicionamentos sociais da Internet se inicia com a questão da persistência das desigualdades sociais, entre países e regiões e grupos sociais com a introdução das tecnologia de informação. Este tema tem sido abordado especialmente pela literatura que destaca para a continuação dos desequilíbrios de renda e para as novas incertezas que surgem no mundo do trabalho com a introdução das tecnologias de informação e comunicação (TICs), mesmo nos países desenvolvidos (WOLFF, 2001).

Evidências neste sentido apontam para os efeitos limitados das TICs na promoção do desenvolvimento social ou para o importância de fatores contextuais para garantir o sucesso da sua introdução, dando respaldo a trabalhos que sugerem uma abordagem mais complexa no estudo das relações entre tecnologia e sociedade. Além de dar ênfase ao exame de diferentes aspectos sociais e ambientais na introdução e no uso das tecnologias de informação, essas abordagens consideram que as TICs não são, por si só, fatores determinantes de mudanças sociais. É misturando-se a outras práticas sociais que as TICs podem contribuir para gerar mudanças e para alterar oportunidades ou, ao contrário, contribuir para a manutenção das desigualdades sócias. Tecnologia e sociedade seriam “mutuamente constitutivas”, fazendo parte de um mesmo fenômeno ou “co-evolucionárias”, podendo gerar resultados diferentes dependendo das condições sociais em que se inserem (SASSEN, 2002, WAJCMANN, 2002; DiMAGGIO, 2003; MANN, 2003).

Uma das abordagens empíricas ao estudo da Internet que vai ao encontro destes novos enfoques é aquela que dá ênfase no estudo das diversas dimensões de acesso e uso da Internet e como estas se relacionam a características socioculturais. Baseando-se sobretudo na teoria de Bourdieu sobre a relação entre classe social e cultura e dando ênfase na cultura e na informação como expressão de situações de classe, autores como Di Maggio, partem do pressuposto que o uso das tecnologias de informação em geral e a Internet em particular, podem se tornar recursos estratégicos de grupos sociais para a manutenção de seus privilégios e vantagens. Nesta perspectiva, seria importante detectar

e permanentemente rastrear os diversos aspectos da divisão digital. Ou seja, estudar as dimensões de acesso e uso da Internet e como estas se relacionam a características socioculturais da população.

Em princípio, portanto, tipos de acesso que indiquem mais diretamente a posse de um capital cultural seriam aqueles que mostrariam maiores relações com os indicadores de status social, especialmente a educação. Assim, diferentes critérios utilizados para medir acesso e uso da Internet poderiam gerar diferentes visões da divisão digital. Além disso, diferentes fatores sociais relacionar-se-iam de diferentes formas com o acesso e o uso da Internet.

O interesse em estudar as diversas dimensões de acesso e uso da Internet também se justifica porque os indicadores básicos de acesso tendem a se generalizar na população, enquanto outros aspectos podem permanecer relacionados a características sociais.

3 A COMPLEXIDADE DAS MENSURAÇÕES E ALGUMAS EVIDÊNCIAS

Embora as abordagens teóricas acima mencionadas sugiram a ampliação e a diversificação do estudo dos fatores sociais e culturais relacionados às TICs, os componentes sociais da desigualdade digitais geralmente mensurados em grandes *surveys* são: gênero, renda, status social, estrutura familiar e local de residência, este último permitindo traçar diferenças entre países e regiões, entre os ambientes rural-urbano, entre cidades e entre bairros. Algumas tendências têm sido observadas no exame da relação do acesso e do uso das TICs com fatores sociais, como a associação mais forte de educação e idade com uso do que com acesso. Observa-se também que gênero, idade e local de residência tendem a se nivelar em países desenvolvidos, enquanto as diferenças de raça e educação no acesso às TICs tendem a se perpetuar.

Educação é uma das características sociodemográficas que parecem manter mais fortemente o seu efeito sobre o uso das TICs. Nos Estados Unidos e no Canadá, em 2000, a relação bivariada entre educação e o simples acesso à Internet ainda era bem acentuada. E análises multivariadas focalizando o efeito de educação sobre frequência de uso mostram a persistência da influência deste fator, mesmo com a inclusão de diversos aspectos socioculturais nos modelos de análise (WELLMAN, 2001).

Mais complexas parecem ser a definição e a operacionalização das dimensões de acesso e uso da Internet, e das TICs de um modo geral. Observa-se falta de padronização das definições operacionais e o uso impreciso das próprias noções de

acesso e uso, o que certamente prejudica as comparações internacionais. Mesmo a comparação entre países desenvolvidos, como o Canadá e os EUA ficam limitadas. Essa falta de padronização é em parte devida à diversidade de possibilidades que se abrem para caracterização do uso da Internet.

Diversas tentativas são, portanto, feitas para definir e desenvolver classificações e estabelecer padronizações para o estudo do acesso e uso da rede. Como as pessoas se ligam à rede (aparato técnico), com que objetivo, quando e onde se ligam à rede e como se desempenham ao usá-la (autonomia, estratégias de navegação e localização de conteúdo) são algumas características que têm sido consideradas (Di MAGGIO, 2003).

As evidências obtidas sobre acesso e uso sugerem que essas dimensões guardam diferentes relações entre si, além da já mencionada diferença de suas relações com os condicionamentos sociais. Frequência de uso mostra-se relacionada com tempo de uso, o mesmo ocorrendo com tipos de uso.

4 DESIGUALDADES DE TIPOS DE ACESSO E USO DA INTERNET NO BRASIL: O EXAME DA RELAÇÃO COM EDUCAÇÃO.

O documento elaborado pelo IBGE sobre acesso à Internet e posse de telefone celular, assim como as tabelas que o acompanham, evidenciam acentuadas desigualdades sociais no acesso e uso da Internet no país.

Em primeiro lugar, observa-se a relação forte de educação e renda sobre o acesso e uso da Internet. Enquanto somente 12,6% das pessoas com até 7 anos de instrução têm acesso à Internet, este acesso está garantido para 76,2% entre aquelas que têm mais de 15 anos de instrução. Diferenças bastante semelhantes são identificadas quando se estuda a relação entre acesso à Internet e a renda.

São também grandes as disparidades regionais do uso da Internet: se 21% dos brasileiros tiveram acesso a ela em 2005, esta porcentagem passa a ser de 7% entre os brasileiros que moram no estado de Alagoas e 41% entre os habitantes do Distrito Federal. A relação entre renda e tipo de conexão também é examinada mostrando que o uso da banda larga cresce regularmente com o aumento da faixa salarial. São no entanto pequenas as diferenças de gênero com relação ao acesso: diferença de 2% favorável aos homens.

As análises aqui apresentadas com os dados da PNAD são preliminares. Nelas estão focalizadas algumas dimensões de acesso, frequência e uso consideradas no

levantamento, observando-as comparativamente na sua relação com nível educacional dos usuários.

A dimensão educacional foi selecionada devido à já mencionada persistência dos seus efeitos sobre o uso da Internet, conforme constatado na literatura internacional. Considerou-se aqui como características do acesso o aspecto mais geral que se refere a qualquer tipo de acesso nos últimos três meses, além do acesso em casa, na escola ou no trabalho e a conexão por banda larga. Um indicador de frequência de uso foi também incluído nas análisesⁱⁱ. Entre as finalidades de uso detectadas na PNAD selecionou-se o uso para comunicação (correio eletrônico, páginas de relacionamento, etc.) e outros aspectos que sugerem o investimento em capital cultural, como o uso para educação e a leitura de jornal. O acesso a órgãos públicos, cuja forte relação com status social tem sido destacada, foi outra dimensão selecionada para análise.

Optou-se por considerar separadamente, nas tabelas apresentadas, as categorias de estudantes que estão inseridos no ensino regularⁱⁱⁱ e não-estudantes, ambos os grupos incluindo indivíduos a partir de 10 anos de idade, corte etário utilizado pela PNAD para a observação do uso da Internet no país. Alguns aspectos do acesso e uso da Internet mensurados na PNAD, como uso na escola, uso no trabalho, uso para educação e aprendizado e acesso a órgão públicos sugerem uma análise diferenciada para estudantes e não estudantes. Outro argumento que justifica a separação destas categorias é o fato de que a análise dos efeitos da educação como dimensão de status seria comprometida com a inclusão da população estudantil, especialmente dos alunos de 1º e 2º graus. Convém mencionar que a consideração de um único fator social – a educação – na sua relação com o uso da Internet não permite uma avaliação adequada do seu efeito independente sobre uso da Internet, o que poderira ser melhor avaliado através de análises multivariadas.

Apresenta-se, nas tabela 1 e 2, a seguir, os números gerais de dimensões de acesso e uso da Internet segundo a condição de estudante ou não estudante:

TAB 1. Acesso e frequência à Internet segundo condição de estudante. Brasil, 2005.*

Internet: acesso e frequência	Estudante %	Não estudante %	TOTAL milhões	TOTAL %
Teve algum acesso	41,18	17,71	31,346	21,1
Tem em casa	19,29	9,33	15,743	15,5
Tem banda larga	9,19	4,48	7,509	5,06
Usa diariamente	13,38	6,97	11,434	7,7
N em milhões	32,04	102,515	134,555	100

Fonte: IBGE/PNAD - microdados. Elaboração própria. Inclui apenas estudantes no ensino regular.
 Percentagens em relação ao total geral de estudantes e não estudantes com 10 anos e mais.

TAB 2. Finalidade de uso da Internet segundo a condição de estudante. Brasil, 2005*

Internet: finalidade de uso	Estudante %	Não estudante %	TOTAL milhões	TOTAL %
Comunicação	28,7	12,02	21,517	15,99
Ler jornal	16,67	9,15	14,723	10,94
Educação e aprendizado	37,4	10,18	22,422	16,66
Acesso a órgãos públicos	5,79	6,64	8,66	6,44
N em milhões	32,04	102,515	134,555	100

Fonte: IBGE/PNAD - microdados. Elaboração própria. Inclui apenas estudantes no ensino regular.
 Percentagens em relação ao total geral de estudantes e não estudantes

Focalizando inicialmente a tabela 1, e tomando como ponto de partida os percentuais referentes ao conjunto da população, nota-se vantagens relativas para os estudantes em todas as dimensões de acesso, cujos valores percentuais tendem ao dobro dos valores obtidos pelos não-estudantes^{iv}. Situação favorável aos estudantes também se observa na tabela 2, onde se destaca especialmente o seu uso para comunicação e para educação e aprendizado. Os não-estudantes só apresentam valores maiores com relação ao acesso a órgãos públicos. Apesar das vantagens relativas observadas para a população dos estudantes, são baixos os percentuais de acesso e uso da Internet em todas as células de ambas as tabelas e nas colunas referentes aos totais de cada um dos tipos de acesso e finalidade de uso.

Nas duas próximas tabelas focaliza-se as dimensões de acesso e uso da Internet, segundo o nível educacional, para a população de não-estudantes, sendo que na tabela 3 foi incluída acesso à Internet no trabalho para a população de não estudantes:

TAB 3. Não estudantes por nível educacional, tipo de acesso e frequência à Internet. Brasil, 2005.

Internet: Acesso	Nível Educacional				TOTAL % %	TOTAL em milhões
	1o Grau %	2o grau %	Superior %	Mes./Dou. %		
Algum acesso	2,59	29,3	71,39	87,59	17,71	18,153
Em casa	0,98	11,9	49,11	73,98	9,33	9,563
No trabalho	1	13,7	46,6	67,81	9,79	10,038
Banda larga	0,34	4,59	27,2	49,25	4,48	4,593
Usa diariamente	0,53	8,89	37,5	63,39	6,97	7,147
N em milhões	61,015	30,999	10,021	0,479		102,515

Fonte: IBGE/PNAD microdados

TAB 4. Não estudantes por nível educacional e finalidade de uso da Internet. Brasil, 2005

Internet: Finalidade de uso	Último grau concluído					TOTAL em milhões
	1o grau %	2o grau %	Superior %	Mes./Dou. %	TOTAL %	
Comunicação	1,43	18,51	53,36	75,79	12,02	12,322
Ler jornal	0,99	13,77	42,15	58,36	9,15	9,381
Educação e aprendizado	0,95	14,91	48,81	72,29	10,18	10,438
Acesso a órgãos públicos	0,63	8,89	33,93	55,51	6,64	6,804
N em milhões	61,015	30,999	10,021	0,479		102,515

Fonte: IBGE/PNAD microdados

A tabela 3 sugere uma forte relação entre educação e os vários tipos de acesso à Internet. Exceto “algum acesso” que mostra presença entre indivíduos que têm o nível

secundário de formação, é praticamente o nível de educação superior que garante a participação percentual nas outras dimensões de acesso, sendo que entre estes é ainda relevante estar no nível pós-graduado para a garantia de percentuais elevados. Mesmo no uso diário há forte diferença entre graduados e pós-graduados, assim como o uso da Internet no trabalho e a disponibilidade de Banda Larga. De modo geral pode-se concluir que, no Brasil, é necessário atingir o nível superior para usufruir da infra-estrutura básica de acesso à rede e ter pós-graduação para ter acesso a tecnologia mais avançada e uso diário.

Na tabela 4, que focaliza diferentes finalidades de uso da Internet, observam-se resultados equivalentes às da tabela anterior no que diz respeito aos pequenos percentuais que aparecem até o segundo grau de estudo e a manutenção do efeito da pós-graduação sobre dimensões de uso como a comunicação, o uso para educação e o acesso a órgãos públicos. Entretanto, as diferenças entre graduados e pós-graduados tende a ser pequena no uso da Internet para leitura de jornal, que apresenta proporções altas a partir do nível superior. Em síntese, portanto, pode-se afirmar que é com a educação superior e sobretudo com a pós-graduação que se observa o uso massivo da Internet para a maioria das finalidades de uso da Internet aqui destacadas. É interessante observar também, o uso relativamente alto da Internet para educação neste segmento populacional de não-estudantes, com frequências semelhantes às observadas para o uso da Internet para comunicação e para leitura de jornal.

O próximo conjunto de tabelas apresenta as mesmas dimensões de acesso e uso para os brasileiros inseridos no sistema regular de ensino: as escolas de primeiro e segundo graus, o ensino superior e a pós-graduação strito sensu: mestrado e doutorado. Para estas análises foi incluída a dimensão de acesso à rede nas escolas por parte dos estudantes.

TAB 5. Estudantes no ensino regular por nível educacional, tipo de acesso e frequência à Internet. Brasil, 2005

Internet: Acesso	Grau freqüentado					
	1o grau %	2o grau %	Superior %	Mes./Dou. %	TOTAL %	TOTAL em milhões
Algum acesso	26,62	44,01	87,38	93,65	41,18	13,193
Tem em casa	10,06	17,56	53,39	74,22	19,29	6,18
Tem na escola	13,57	20,12	47,89	42,33	20,83	6,673
Tem banda larga	4,48	8,06	26,85	40,26	9,19	2,946
Usa diariamente	5,56	11,67	42,27	66,97	13,38	4,287
N em milhões	18,263	8,594	4,866	0,315		32,04

Fonte: IBGE/PNAD microdados

TAB 6. Estudantes no ensino regular por nível educacional e finalidade de uso da Internet Brasil, 2005

Internet: Finalidade de uso	Grau freqüentado					
	1o grau %	2o grau %	Superior %	Mes./Dou. %	TOTAL %	TOTAL em milhões
Comunicação	15,72	31,52	69,11	78,97	28,7	9,195
Ler jornal	6,93	16,91	49,81	63,24	16,67	5,342
Educação e aprendizado	23,84	39,43	81,36	88,51	37,4	11,984
Acesso a órgãos públicos	4,33	3,24	27,33	52,99	5,79	1,856
N em milhões	18,263	8,594	4,867	0,315		32,04

Fonte: IBGE/PNAD microdados

Na tabela 5 se destaca, em primeiro lugar, que a percentagem de algum acesso à Internet para estudantes de primeiro e segundo grau é bem mais expressiva que a percentagem observada na população em geral e entre os não estudantes. Especialmente os alunos de segundo grau aparecem com 44,01% para “algum tipo de acesso”. As outras dimensões de acesso – em casa e o por Banda Larga - também são

relativamente mais favoráveis para a população estudantil nestes segmentos do que para os não-estudantes. Entretanto, considerando a relevância da disponibilidade da Internet como apoio didático nos primeiro e segundo graus, também chama atenção o fato de que apenas aproximadamente 13% dos alunos do 1º grau e 20% dos alunos do segundo grau se conectaram à rede nas escolas.

O acesso básico à Internet e o uso desta na escola aumenta com o nível de ensino até estabilizar-se no ensino superior: há um acréscimo inexpressivo ou mesmo decréscimo na comparação entre as proporções de graduandos a alunos de pós-graduação. Para as outras dimensões de acesso - em casa e através de banda larga- e para a frequência de uso observa-se o aumento substancial do acesso em cada nível da escada educacional.

O foco nas finalidades do uso da Internet entre os alunos também mostra percentagens bem diferentes de zero para os alunos do 1º grau, fazendo um contraste com a categoria de não-estudantes com este nível educacional: quase 16% dos alunos do primeiro grau se utilizam deste veículo para se comunicar e quase 24% utilizam-no para educação e aprendizado. Essas proporções aumentam quanto se passa para os níveis mais altos do sistema escolar. É interessante observar que o uso da Internet entre estudantes para aprendizado, para comunicação e para a leitura de jornal cresce especialmente do segundo grau para o nível superior. Além disso, embora existam diferenças entre alunos de graduação e pós-graduação em algumas dessas dimensões, não se observa aumento substancial do uso da Internet para o aprendizado entre os alunos de graduação e de pós-graduação: ambos costumam utilizá-la para este fim em proporções altas: mais de 80% o fazem. Destaca-se, por outro lado, o aumento substancial do uso da Internet para o acesso a órgãos públicos tanto entre o segundo e o terceiro graus quanto entre alunos de graduação e pós-graduação.

Estas últimas tabelas mostram, no seu conjunto, que o acesso à Internet para o alunado brasileiro é pequeno, justamente nas faixas educacionais que necessitam mais deste recurso. Entretanto, a situação dos alunos inseridos no sistema regular de ensino é bem mais favorável do que a da população que está fora dele. Os alunos de primeiro e segundo grau já mostram presença em algumas dimensões de acesso e uso sugerindo a ação de políticas educacionais voltadas para promover o acesso à tecnologia de informação nesses níveis escolares. Os resultados também indicam que algumas dimensões de acesso e uso da Internet que expressam investimento em educação e

cultura tentem a ficar garantidas entre aqueles que estão no nível superior, enquanto outras só mostram proporções altas entre alunos de pós-graduação.

5 CONCLUSÕES

As análises aqui apresentadas destacam que o acesso e a diversificação do uso da Internet no país está fortemente relacionada à educação, tanto para a categoria de estudantes quanto para a categoria de não-estudantes. De modo geral pode-se afirmar que somente o segmento populacional que atinge o nível superior e a pós-graduação, ou participa como estudantes nestes níveis de ensino, apresenta níveis de acesso e uso consideráveis. Apenas nestes níveis educacionais se atingem proporções equivalentes ou maiores de 50% em algumas das dimensões de acesso e uso da rede nas tabelas apresentadas. Além disso, observa-se diferenças substanciais nos percentuais referentes à graduação e à pós-graduação e apenas esta se aproxima da generalização do acesso e uso da Internet em algumas dimensões, o que sugere que a rede ainda depende de condições sociais ou de acesso a níveis altos de instrução que a tornam um recurso restrito à uma pequena e privilegiada elite.

A comparação sistemática entre as medidas de acesso e uso para cada nível educacional, objetivo que norteou a forma de apresentação dos dados, sugere, conforme expectativas e evidências geradas pela literatura sobre o tema, que a relação entre o uso da Internet e a origem social do indivíduo pode assumir feições diferentes de acordo com o foco da análise e a dimensão destacada. Assim, ter segundo grau parece aumentar as chances do indivíduo ter algum tipo de acesso a rede, assim como de usá-la para a comunicação e para fins educacionais. Entretanto, outras finalidades de uso da Internet, como a utilização para leitura de jornal e para acesso a órgãos públicos, características que parecem associadas a um nível alto de acesso à cultura e que podem ser relevantes para as perspectivas de um uso efetivo dos recursos da rede, só mostram presença entre indivíduos que possuem, ou participam como estudantes, no nível superior de ensino ou mesmo a pós-graduação. Essas diferenças reforçam o interesse na identificação das múltiplas facetas que podem assumir as desigualdades de acesso e uso da Internet no país, assim como buscar a comparação internacional a respeito dos fatores socioculturais que condicionam essas desigualdades.

Apesar dos números ainda medíocres relativos ao acesso e uso da Internet no Brasil e a sua forte associação com a educação não se deve deixar de destacar as vantagens observadas na população de estudantes, vantagens essas que parecem refletir

políticas educacionais voltadas para o acesso à tecnologia de informação entre estudantes de primeiro e segundo graus. Enquanto apenas 21% dos brasileiros tiveram algum tipo de acesso à Internet no período considerado no levantamento, 41% dos estudantes no ensino regular tiveram essa oportunidade. Embora as diferenças deste acesso seja grande entre os níveis de ensino, ele ocorreu para mais de 26% dos alunos do primeiro grau e para 44% dos alunos do segundo grau, sendo que quase 50% destes últimos utilizam a rede para atividades de ensino e aprendizagem. Restam muitas perguntas a serem respondidas a esse respeito, especialmente sobre as diferenças entre acesso e uso da Internet entre alunos inseridos na rede pública ou privada de ensino.

6 REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. What makes a social class? On the theoretical and practical existence of groups. *Berkely journal of sociology*, v.32, 1987, p. 1-49.

CASTELLS, M. *A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os Negócios e a Sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2003.

CHEN, W; WELLMAN, B. The global digital divide- within and between countries. *IT& Society*, v.1,n.7, 2004. <http://ITandSociety.org>

DiMAGGIO, P; HARGITTAI, E. CELESTE, C; SHAFER, S. From unequal acces to differentiated use: a literature review and agenda for research on digital inequality. Relatório. Russell Sage, 2003.

DINIZ, C.N.; OLINTO, G. El uso de la biblioteca y de la tecnología de la información y comunicación para la investigación entre los estudiantes universitarios de Rio de Janeiro: diferencias de género y socioculturales. In: ENCUENTROS SOBRE SISTEMAS DE INFORMACIÓN Y DOCUMENTACIÓN-IBERSID, 10, 2005. Zaragoza. Anales del IBERSID, 2005.

CGI (Comitê Gestor da Internet no Brasil), PESQUISA SOBRE O USO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO NO BRASIL 2005. Disponível em <http://www.nic.br/indicadores/indicadores.pdf> (último acesso em 13/08/2006).

FONG, E; WELLMAN, B; KEW, M; WILKES, R. Correlates of the digital divide. Relatório. University of Toronto, 2001.

ECLAC (Economic Commission for Latin America and the Caribbean/United Nations). Road Maps towards na information society in the Latin america and the Caribbean. Santiago, 2003.

IBGE (PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICILIOS -2005). Acesso à Internet e posse de telefone móvel celular para uso pessoal. Rio de Janeiro, 2007.

KATZ, J.E.; RICE, R.E. *Social consequences of Internet use: Access, involvement and interaction*. Cambridge MA: The MIT Press, 2002.

MANN, C. L. Information technology and international development: conceptual clarity in the search for commonality and diversity. Boston, MIT. Research Report, 2003.

OLINTO, G. Capital cultural, classe e gênero em Bourdieu. *Informare*, v1, n.2, jul-dez, 1995.

OLINTO, G. Ocupações em tecnologia de informação e comunicação no Brasil VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Coimbra, 2004.

ROBINSON, J; DiMAGGIO, P; HARGITTAI, E. New social survey perspectives on the digital divide. *IT & Society*, v.1, n.5, 2003, p.1-22. <http://www.ITandSociety.org>

SASSEN, S. Towards a Sociology of Information Technology. In: *Current Sociology*, Volume v. 50, n.3, p. 365-388, 2002.

VAN DER BLY, M. Globalization: a triumph of ambiguity. In: *Current Sociology* v.53, v.6, p.875-893, 2005.

WAJCMAN, J. Addressing Technological Change: The Challenge to Social Theory, In: *Current Sociology*, v.50, n.3, p.347-363, 2002.

WOLFF, E.N. The impact of IT investment on income and wealth inequality in the postwar E.U. economy. World Bank, WIDER. Discussion Paper 2001/3. 2001, 17p.

ⁱ Agradeço ao CNPq o apoio recebido para a realização do Projeto “Uso da Internet e Condicionantes Sociais” desenvolvido no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação UFF/IBICT/MCT.

ⁱⁱ Considerou-se aqui apenas a variável ordinal, destacado-se a categoria de frequência diária (“pelo menos uma vez por dia”).

ⁱⁱⁱ Exclui-se o supletivo e a alfabetização de adultos.

^{iv} É importante destacar a diferença nos números absolutos e o fato que os percentuais apresentados são calculados em relação a esses valores totais. Por exemplo, o percentual de acesso em casa não é relativo aos que têm acesso mas ao total de estudantes ou de não estudantes em cada aspecto.